

Escrileituras: ler-escrever como método de invenção no ensino e na pesquisa

Sandra Mara Corazza¹, Karen Elisabete Rosa Nodari², Emília Carvalho Leitão Biato³

¹ Departamento de Ensino e Currículo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. sandracorazza@terra.com.br

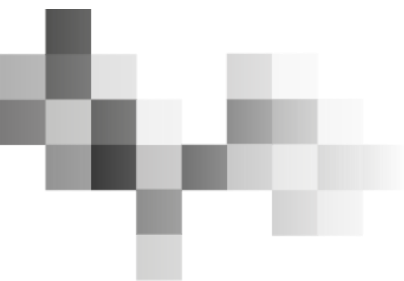
² Departamento de Humanidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. kernodari@gmail.com

³ Departamento de Odontologia, Universidade de Brasília, Brasil. emiliacbiato@yahoo.com.br

Resumo: A importância da leitura e escrita, tanto na Educação Básica quanto Superior, remete à noção de Escrileituras – conceito proposto por Corazza (2007), ao configurar uma escrita-pela-leitura ou uma leitura-pela-escrita. Encontra potência no ato de criação textual: um modo de intervenção investigativa nas formas de aprender pela modalidade de oficinas. Ao postular com Nietzsche que a Educação se faz e sente com o corpo inteiro, o Projeto Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida (edital 038/210, CAPES/INEP) congregou 4 universidades públicas brasileiras (UFRGS, UFPel, UFMT e UNIOESTE) entre 2010 e 2014, num trabalho de pesquisa e de ação junto às escolas de educação básica.

A ação proposta concebe a experimentação como condição da aprendizagem, uma vez que possa convocar ao exercício do pensamento. Essa experimentação ocorre a partir da realização de oficinas de Escrileituras. Cada oficina compreende um convite à escrita e à leitura, seja de saberes, histórias, aventuras, problematizações, musicalidade, arte, fantasias e fruições. Tal pesquisa, portanto, coloca em evidência o drama do saber investigado, posto que atenta às suas irregularidades e variabilidades, problematizando a sua dimensão hegemônica representacional. Sua metodologia adquire e produz tonalidades contemporâneas diversas na aproximação com Nietzsche, Foucault, Deleuze e Derrida.

A seguir, abre-se a discussão acerca das diferentes pesquisas realizadas e das metodologias qualitativas inauguradas a partir das oficinas de Escrileituras. As oficinas *Entre fatos e fotos* e *Focografar* se inscrevem num dos eixos do projeto denominado Biografema (Costa, 2010). Este conceito barthesiano, operado como método de intervenção e investigação, propõe-se a escrever os detalhes de uma vida, as raridades que passam despercebidas ou que ainda não foram significadas e partilhadas no plano cognitivo. Propõe-se transformar detalhes insignificantes (sem significação anterior) em signos de escrita, utilizar estes signos (aqueles que podem encantar) como disparadores de um texto, ou seja, da escrita de uma vida em experimentação e que, portanto, é produzida na potência da invenção de sentidos. Persegue-se a invenção de conectores entre ficção e realidade, entre imaginário e história biográfica. Pretende-se que tais dispositivos propiciem o ingresso no campo do vivido, das sensações e das invenções, o que implica, também, a passagem entre o tempo dos estóicos: *cronos* para *aion*, ou seja, o da duração. Interessava, no planejamento das propostas, o rompimento com o pensamento da reconhecimento, de modo que as faculdades dos participantes deixassem de se comunicar num sentido comum e entrassem no seu exercício disjuntivo, a fim de explorar diversos deslocamentos. Tal subtração do logos ao conectar o pensamento com o seu Fora, o devir, possibilita o surgimento de escritas intensivas e potentes. A leitura do material produzido se deu sob a óptica barthesiana, uma vez que as produções passaram a ser vistas como uma tessitura, ou seja, o texto como um tecido onde o sujeito pode se desfazer. Além de se perseguir a escrita intensiva, como meio de passagem, produtora de múltiplos sentidos. E, com relação ao tempo do ato de criação, sob a perspectiva bergsoniana. Estudou-se a processualidade proposta através do trabalho inventivo com a escrita. A invenção é o produto de uma tensão constante entre duas tendências: a da criação e a da repetição. De modo que, ela não é rara ou fruto do acaso, mas exige

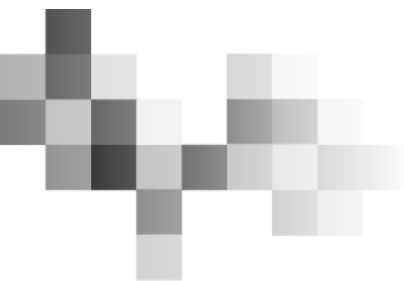


esforço para que seja ultrapassada a tendência repetitiva. Uma vez que, segundo Bergson (2006), é por meio de experimentações com uma matéria que se cria o novo. Ato que não produz efeitos instantâneos, mas que envolve o tempo, o tempo da duração. Pois, a invenção é um processo de transformação temporal, é nesta dimensão que ocorre a produção da diferença. O que dificulta o trabalho da invenção, atuando como um obstáculo, são os antigos hábitos, os esquemas da reconhecimento. É sabido que, apesar da imprevisibilidade dos resultados obtidos pelo desenvolvimento das oficinas, a questão da criação não ocorre de forma espontânea, ela implica em tateamentos, em experimentação com uma matéria.

De acordo com os resultados da pesquisa “Entre procedimentos e roteiros didáticos de tradução: condições da invenção” (Nodari & Corazza, 2019), que investigou o método de invenção proposto pelas oficinas do projeto *Escreleituras*, houve uma prevalência na utilização dos signos das artes, por parte de todos os seus núcleos. Signos que por sua própria força e essência remetiam os participantes à produção da diferença no pensamento, sendo, portanto, da ordem do problemático. Cabe destacar que a totalidade dos núcleos realizaram as mais diversas tentativas de promover um encontro com os signos – aqueles que não remetem a coisa alguma, significação transcendente ou conteúdo ideal. Algo que atinge apenas uma das faculdades daqueles participantes, sem que as outras possam apreendê-lo, e então correr para o seu reconhecimento. De forma que, quando o embate ocorria, irrompia algo mais forte que despertava, através da sensibilidade, todo o organismo, não somente a inteligência. Isto não significa que se tratava de um objeto portador de identidade, mas algo de diferencial nele, correlato do exercício divergente do processo cognitivo. Tal ação possibilitava, aos seus integrantes, romperem com o hábito e as suas verdades objetivas e, assim, uma chance ao pensar e a fabulação criadora tinham lugar.

A oficina *Cartas* foi realizada a partir de temas relacionados ao corpo e à saúde. Com as noções de escrita de autoafecção e de envios errantes propôs a escrita com alguns remetentes de modo que os participantes fizessem o papel de remetentes com inspiração e impulso, tessitura com cartas de Antonin Artaud, Friedrich Nietzsche e Vincent Van Gogh. Escolhemos esses a fim de provocar uma escrita de autoafecção e enviada, relacionada com o corpo, com a saúde, com a experiência da dor, do sofrimento e da privação (Biato et al., 2014; Biato & Leitão, 2017).

Para o desenvolvimento do método de produção dos textos nos apropriamos do ato de timpanizar, de Jacques Derrida (1991). Luxar o tímpano: romper com a marca de precisão entre o dentro e o fora, com o modo dualista de pensar as coisas como leitura e escritura, vida e morte, saúde e doença. Experimentar a morte da metafísica ocidental. Timpanizar se materializa como a leitura inventiva da produção transcriadora de corpo e saúde. Propusemos três gestos que, juntos, timpanizam as escreleituras de saúde-doença: tatear escombros, gesto pelo qual afirmamos a desconstrução do pensamento dualista, como processo ocorrido, notável e instigante de se manipular. Diante da desconstrução do dualismo, só se pode manipular escombros; disseminar sentidos, gesto pelo qual multiplicam-se os sentidos das palavras, desconfia-se da fidelidade dos signos e são inventados modos de ler o texto que é produzido pelo outro; criar cadeias suplementares, pelo qual inventamos um texto novo, com a vontade de escrever e, assim, são tecidas escreleituras de escreleituras. Estabelecemos elos e agregamos, em cadeia, ideias plenas que juntas extravasam, passam limites, assumem nexos improváveis (Biato et al., 2017). Cada proposta de oficina de transcrição esteve imbricada e foi definindo as opções metodológicas da pesquisa. Nesse sentido, o pesquisador, em nenhum momento exerceu uma função neutra, visto que atua, também, como escreleitor tanto das propostas das oficinas quanto dos textos ali produzidos. Vimos, ainda, que o método qualitativo funciona como caminho de produção de conhecimento, a ser traçado com fundamentos teóricos consistentes e, simultaneamente, com sensibilidade ao que o objeto de estudo oferece. As filosofias da diferença são relevantes e inovadoras na abordagem de



temas em Educação – traçando métodos que se aproximem de seus modos de pensar e tratar os fenômenos.

Palavras-Chave: Escreleituras, Transcrição, Signo, Biografema, Timpanização

Recursos Necessários: sala com vídeo projetor, internet, folhas em branco e lápis e borrachas para os participantes.

Organização do Painel de Discussão

1- Breve contextualização do tema

O projeto Escreleituras articulou a pós-graduação, as licenciaturas e a educação básica; além de estimular a formação de recursos pós-graduados, com vista à elevação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Por meio de experimentações com a pesquisa, o currículo e a didática criou propostas diferenciadas de estudos e práticas de escreleituras – que visavam a qualificação de professores e alunos da rede pública de ensino, bem como dos currículos das licenciaturas. O projeto parte do pressuposto nietzschiano de que a Educação se faz e sente com o corpo inteiro. Concebe a escrita como um processo de escreitura, remetido a uma escrita-pela-leitura ou uma leitura-pela-escrita. Um modo de intervenção investigativa nas formas de aprender que prevê a modalidade de oficinas de escreitura como pesquisa. Visa o texto produtivo, aquele que ganha existência na medida em que seu leitor é um produtor-tradutor de significações, de sensações, de sentidos, de conceitos, de vida. Mesmo encerrado, seguimos ampliando as discussões iniciadas, especialmente no que se refere aos seus princípios teóricos e metodológicos. O imbricamento de leitura e escritura em processos tradutórios se configura como método de ação educativa e, simultaneamente, como método de pesquisa e produção de conhecimento.

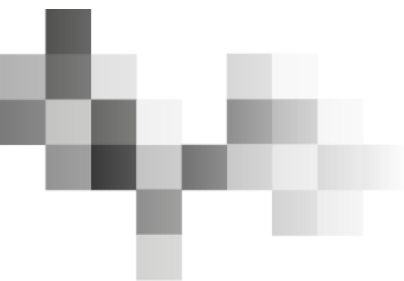
2- Objetivo

Apresentar diferentes possibilidades metodológicas para a abordagem dos processos de leitura e escrita, tanto no ensino como na pesquisa.

3- Dinâmica/estratégia:

a. Apresentação (Dinâmica de Grupo) - 10 min.

- Solicitar que os participantes que caminhem em silêncio pela sala, observando o espaço, ouvindo os sons, percebendo as formas, cores, objetos e pessoas;
- Olhar as pessoas por quem passam, reconhecendo-as. Tocar as palmas das mãos dos demais com as suas, até encontrar alguém com o mesmo tamanho de mão. Formar par com esta pessoa.
- Conversar aos pares, trocando informações: nome, o que faz, onde mora, como chegou ao painel...
- Quando os pares derem por terminada a conversa, voltar ao lugar.



- Plenário: cada participante apresenta o seu par ao grupo.

b. Exposição Teórica do tema — 45 min.

Sandra Corazza — Escrita e tradução no currículo, na didática e na pesquisa - 15 min.

Karen Nodari — A importância dos signos das artes para a escrita inventiva - 15 min.

Emília Biato — A pesquisa de objetos indecíveis - 15 min.

c. Aplicação em outros contextos - 10 min.

— A experiência numa escola pública municipal de Caxias do Sul/RS como extensão (2018);

— A experiência numa turma de Medicina da UFMT/ MT (2016).

d. Discussão — 20 min.

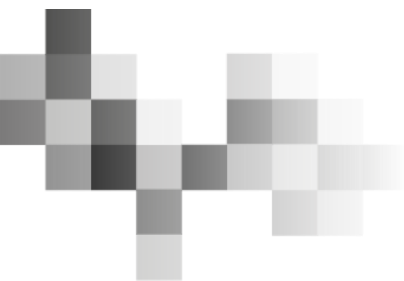
Faremos um pequeno exercício de produção textual com os participantes. Essa produção partirá da leitura de um pequeno trecho de texto. Entendemos que essa leitura — como escrita — é ativa e provocadora de ideias para uma escritura. De posse desses textos, que os participantes que desejarem poderão ler, faremos coletivamente, um exercício de análise e apropriação dos textos, simulando uma situação de análise de dados numa pesquisa. Esperamos que esse movimento suscite discussões sobre os métodos em pauta.

4- Aplicação da proposta na realidade/exemplos práticos

A oficina Entre fatos e fotos foi desenvolvida em mais de uma edição, ao longo do ano de 2013, atingindo públicos diversos. Primeiramente, ela foi realizada no mês de agosto por docentes do Colégio de Aplicação; UFRGS, em 4 encontros de 2h de duração, num total de 8h. Na ocasião, o laboratório de fotografia foi utilizado para a revelação de negativos pelos professores. Após a sua revelação os participantes da oficina buscaram algo da ordem do insignificante na foto que de modo subjetivo e intransferível os atingisse. Isto é, o *punctum* de Barthes. No caso, tornaram notável este insignificante. De acordo com Barthes, em *Câmara Clara* – livro em que apresenta reflexões sobre a fotografia, o *punctum* é algo que fere o observador, um pormenor que modifica a leitura da foto, algo que ele não consegue dominar, pois ao nomeá-lo, já não o fere mais (Barthes, 2010).

A proposta era que o encontro entre a escrita dos dados pessoais em forma de anúncio descrevendo uma parte de si perdida – no caso a que olhava de fora para dentro - e o *punctum* da foto trabalhada por um colega, favorecesse a produção de um biografema. Foi proposto um jogo, algo lúdico e da ordem do acaso, onde se apostou na violência do encontro dos participantes com os signos emitidos pelos materiais.

Após uma breve apresentação da pesquisa, dos seus conceitos norteadores, e dos objetivos da oficina, teve início o procedimento focografar. Foi proposta a escrita de um anúncio onde cada integrante colocaria pistas de uma parte sua perdida, no caso, aquela que olha de fora para dentro. Em seguida, cada participante foi convidado a olhar alguns negativos em preto e branco de pessoas desconhecidas em situações corriqueiras de suas vidas, a fim de identificar o *punctum*, ou seja, algo



nela que os ferisse de forma indiscernível. Para isso cada participante recebeu uma foto produzida por outro colega, com a tarefa de ler naquela fotografia a resposta ao seu anúncio. O que resultaria do encontro dos diferentes signos? Quais as pistas presentes naquela fotografia indicariam o paradeiro da parte do pensamento perdido? A violência deste encontro forçou o pensamento à criação biografemática mais uma vez.

Trata-se do trabalho com diferentes formas de linguagens, provocador de outros modos de relação com a escrita, com a leitura e com a vida. “Tudo o que nos ensina alguma coisa emite signos, todo o ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos”, afirma Deleuze em Proust e os Signos (Deleuze, 2003, p.4). Uma questão de decifração, de criação de sentidos, uma busca por compreensão, pelo sentido de uma escrita, de um signo obscuro, o que ocorre somente quando se sente o efeito de um signo de forma violenta, forçando o pensamento a procura deste sentido (Deleuze, 2003).

A leitura do material se deu sob a óptica barthesiana, uma vez que as produções passaram a ser vistas como uma tessitura, ou seja, o texto como um tecido onde o sujeito pode se desfazer, se fragmentar... Uma vez que não se trata de ser testemunha de uma vida a ser grafada, mas de ser o ator mesmo desta escrita. Além de se perseguir a escrita intensiva, como meio de passagem, produtora de múltiplos sentidos.

5- Resultados esperados

Espera-se que o painel:

- Amplie a discussão acerca dos caminhos de pesquisa, também como percursos de criação;
- Instigue debates acerca de métodos qualitativos de pesquisa que se fundamentam no pensamento nietzschiano, expressos em propostas de seus leitores como Derrida, Deleuze e Foucault, bem como de outros autores que contribuem na composição de modos de observar e analisar o texto;
- Apresente, a partir das oficinas de Escriteiras, possibilidades de se trabalhar com os signos da arte e de formas diversas de suscitar a criação, tendo em vista a produção de uma escrita fabuladora, que inaugure pontos de vista sobre o mundo;
- Destaque a impossibilidade de se tomar em absoluto o objeto das investigações, pois foi perceptível que as oficinas de Escriteiras suscitaram diferentes pontos de vista, diversos caminhos e, portanto, maior riqueza na produção de conhecimento.

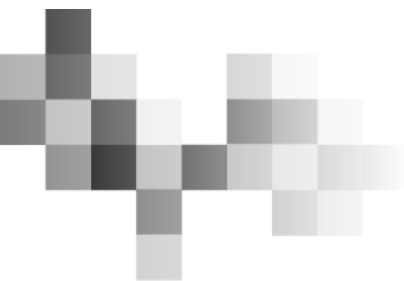
Referências Bibliográficas

Barthes, R. (2010). *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

Biato, E.C.L., Campos, A., Proença, V. Duarte, V., & Monteiro, S.B. (2014, set-dez). Envio de cartas. Práticas educativas e criação em Escriteiras. *Revista Contrapontos*, 14(3), 527-541. doi: 10.14210/contrapontos.v14n3.p527-541

Biato, E.C.L., & Leitão, C.C. (2017). Suplementos de escrituras. De errâncias e destinos. *Rev. Polis e Psique*, 7(1), 149 – 166. doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.71963>



Biato, E.C.L., Ceccim, R.B., & Monteiro, S.B. (2017, jul-set). Processos de criação na atenção e na educação em saúde. Um exercício de “timpanização”. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 621-640, jul. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000300013>

Corazza, S.M. (2007). *Os cantos de Fouror: esrileituras em filosofia e educação*. Porto Alegre, Brasil: UFRGS/Sulina.

Costa, L.B. (2010). *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).

Deleuze, G. (2003). *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.

Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas, Brasil: Papyrus.

Nodari, K.E.R., & Corazza, S.M. (2019). Um drama no currículo: oficinas de transcrição. *Educação. Revista do Centro de Educação da UFSM*, Santa Maria, 44, 1-21. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644431380>

Notas biográficas

Sandra Mara Corazza. Professora Titular do Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Graduada em Filosofia e Doutorado em Educação pela UFRGS. Pesquisadora de Produtividade 1 B do CNPq. Experimentadora de Filosofia-Educação; Esrileituras da Diferença; Currículo e Didática da Tradução. Desde o arquivo da educação, a filosofia da diferença, teorias de tradução literária, o surracionalismo da ruptura e a poética da imaginação, penso a didática e o currículo, em processos de experimentação de esrileituras (escritas-leituras). Coordenou o projeto Esrileituras e é autora de “O que se transcria em educação?”, entre outros livros e artigos.

Karen Elisabete Rosa Nodari. Professora Titular do Departamento de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Graduada em Pedagogia e Doutorado em Educação pela UFRGS. Tem experiência na área da Orientação Educacional, gestão escolar e formação de professores, tanto com relação à Educação Básica (Colégio de Aplicação/UFRGS), como na Educação Superior (Universidade La Salle). Realiza pesquisas com referencial teórico da Filosofia da Diferença e integra a linha de pesquisa DIF: artistagens, fabulações e variações. Investiga procedimentos inventivos na didática e no currículo, aqueles que rompem com rótulos e clichês. Bolsista do projeto Esrileituras. Coordena o projeto “Procedimentos didático-tradutórios sob o signo da invenção” e publicou o livro “Percurso da escola: entre Nietzsche e Deleuze”, entre outros textos.

Emília Carvalho Leitão Biato. Professora do Departamento de Odontologia da Universidade de Brasília/UnB. Graduada em Odontologia e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso/ UFMT. Vincula-se aos grupos de pesquisa Esrileituras da diferença em filosofia-educação (UFRGS) e Grupo de Estudos sobre Formação e Integração ensino-serviço-comunidade - GEFIESCO (UnB). Atua em Ciências Humanas e Saúde, principalmente com os temas: educação em saúde, Esrileituras e filosofia da diferença e saúde. Bolsistas do projeto Esrileituras. Autora de “Suplementos de escrituras. De errâncias e destinos”, entre outros artigos e capítulos.

